

As fronteiras bizantinas e seus senhores:

Os Acritas

João Vicente de Medeiros Publico Dias

Índice:

1. Introdução
2. Contexto social e político do interior do Império Bizantino durante a Dinastia Macedônia
3. Criação da classe dos acritas
4. Relação árabe-bizantina nas regiões fronteiriças
5. (In)Fidelidades: Relação entre os barões de fronteiras e o poder imperial
6. Breve análise social da fronteira bizantina
7. Observações Finais
8. Fontes utilizadas
9. Bibliografia

1

Introdução

Como se pode medir a força de um mito? Essa pergunta foi feita por vários intelectuais de várias áreas, desde da psicologia até a disciplina histórica, foi respondida de várias formas. Mas uma característica de um grande mito é quanto ele se prende na mentalidade das pessoas, e por quantas gerações ele se mantém firme nela. Há vários exemplos: A lenda do Rei Arthur que transformou um obscuro general romano-bretão em um ícone da cavalaria ou o Robin Hood, que de um espírito pagão das florestas se transformou em um herói com compromisso social. Vemos que mitos e heróis que a nós são (ou foram) queridos, mudam conforme o mundo em que vivem aqueles que acreditam.

Na Grécia ou a população de origem grega mas vivendo na Anatólia, durante sua ocupação turca, sempre tiveram um herói que simbolizava a identidade greco-ortodoxa e a luta contra a ocupação estrangeira. Esse herói se chama Basílio Digenis Akritas. Sua origem é obscura mas o poder de seu mito foi surpreendente. E por essa força o mito de Digenis Akritas se mantém forte até hoje, em regiões como na região de Trebizonda (atual Trebizan, Turquia) em que há um suposto túmulo de Digenis Akritas, o qual é venerado como fosse de um santo e, segundo a tradição popular, protege contra mal dos olhos e recém-nascidos¹.

O mundo da Balada de Digenis Akritas foi à área fronteira entre o Império Bizantino e o Califado, no período do século IX ao XI. Área propícia para o nascimento de um herói épico.

A fronteira árabe-bizantina vinha das margens do Mar Negro, ao norte, até a Síria, ao sul. Porém esses limites eram muito latentes e as fronteiras frágeis. A relação entre cristãos e árabes nessa região era uma mescla de convivência pacífica e beligerância. Esse ambiente duro somado à uma política agrária imperial criou uma classe resistente e belicosa: os Acritas.

O herói do poema é um acritas. Basílio é o seu primeiro nome, de sangue mestiço; meio árabe meio romano, por isso Digenis. Ele cresce e se transforma em um grande guerreiro. Combatendo feras, árabes e principalmente bandoleiros que vivem nas zonas fronteiriças do império (*akras*). Depois de uma vida cheia de aventuras se estabelece em um belo palácio na beira do Eufrates. E lá termina sua vida morrendo jovem junto com sua mulher.

A Balada de Digenis Akritas é muito rica em detalhes fazendo dela uma bela fonte histórica e uma possível base para vários possíveis estudos sobre o mundo rural do Império Bizantino que não é tão estudado como a sua capital. Possivelmente foi composta muito antes de ser escrita, se cogita entre o século X e XI. Pois já no século XII, já era bem conhecida nas cortes imperiais. Provavelmente, como toda lenda, é um conjunto de histórias e contos criados em cima de um personagem real. Mas a existência ou não de um homem real atrás da lenda de Digenis Akritas não é

¹ VASILIEV, A, A. *Historia del Imperio Bizantino: tomo segundo*. Barcelona: Editorial Iberia, S.A. pp.284-285

importante para esse estudo, mas sim todos os valores que foram agregados ao herói e o mundo em que ele vive.

Há sete versões conhecidas da Balada de Digenis Akritas: a de Trebizonda, de Andros, a Versão de Oxford, a Versão de Escorial, Versão em prosa, a Versão Eslava e a do Mosteiro de Grottaferrata².

A versão de Grottaferrata é a mais antiga conhecida, a inscrição foi datada como sendo do século XIV. Essa versão não é a transcrição do poema falado, mas é ,dentre todas as outras versões, que mais se aproxima disso. O poema dessa variante é dividido em oito cantos, que contam a história de Digenis Akritas do encontro inicial dos pais dele até sua morte por uma doença contraída durante o banho. Foi encontrada no mosteiro ortodoxo de Grottaferrata, Sul da Itália, em 1879 e publicada em 1892³.

Portanto o objetivo desse estudo não é analisar o mundo rural bizantino como um todo, mas sim observar e meditar sobre um aspecto desse mundo fronteiro do império e seus senhores; os acritas⁴.

2

Contexto social e político do interior do Império Bizantino durante a Dinastia Macedônia

Antes de falarmos da nobreza rural bizantina e daí atingirmos os senhores de fronteiras, temos que identificar essa classe e caracteriza-la.

No Império Bizantino no fim época dos Macedônios existiam duas classes de nobreza⁵: os burocratas, que tinham obtido dinheiro e poder entrando no interior da administração central em Constantinopla, e a nobreza militar, senhora de terras e influentes, e eram quem realmente mandava no interior do império. Essa última classe foi combatida primeiramente pelos imperadores macedônios e depois pela nobreza de burocratas que tomaram o governo imperial após a queda da Dinastia Macedônia, até a vitória total da nobreza rural e militar com a ascensão dos Comnenos ao poder.

Mas no período anterior à morte de Basílio II o Império Bizantino era conhecido por ter tido de uma das mais eficientes administrações de todos os reinos e impérios medievais. O governo imperial de Constantinopla fazia o máximo para ter todos os seus domínios sob controle. Mas apesar dos esforços da administração imperial alguns lugares do império ficavam relativamente fora da órbita do controle central, como as regiões rurais e principalmente as regiões fronteiriças. Esse “vácuo” de poder nesses territórios era preenchido por poderes locais, como os senhores de terra. Senhores esses por terem larga quantidade de terras conseguiam tanto poder, que em certos

² Essa versão é a que foi utilizada nesse estudo

³ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. p. XXVI e XXVII

⁴ Chamarei de acritas os barões fronteiriços e Akritas o herói da fonte

⁵ WALTER, Gerald. *A vida quotidiana nos tempos dos Comnenos*, Lisboa. Edição “Livros do Brasil”. Pp. 65-79

casos conseguiram desafiar o poder imperial. Como no caso da revolta das grandes famílias Focas e Sklerus no reinado de Basílio II, Bulgaroktonos⁶. Revolta habilmente repelida pelo imperador. Esse foi um exemplo que ilustra o poder que essa classe de poderosos donos de terras tinham obtido já no século XI.

A origem dessa classe nobre militar do lado asiático do império (porque foi daí que vieram as famílias mais importantes) vem de funcionários provindos da parte europeia do Império que vieram exercer alguma função administrativa nos temas da Ásia Menor. Assim adquirindo propriedades e bens nessas províncias, e mais tarde se instalando perpetuamente nas suas terras⁷.

Durante o século IX, essa classe nobre rural conseguiu um poder tamanho, que suas grandes propriedades abocanhavam as pequenas propriedades vizinhas em tempos de crises, ameaçando o sistema de fazendeiros-soldados que era à base das forças militares bizantinas.

E por consequência disso os imperadores da Dinastia Macedônia lutaram muito contra os poderosos provincianos, principalmente os imperadores Romano I e Basílio II. Romano I emitiu vários editos imperiais que defendiam os pobres camponeses. Primeiro édito foi em 922, quando ele proibiu os grandes senhores de terra de adquirir a propriedade de um camponês de qualquer forma. Quando algum pequeno proprietário quiser se desfazer de sua terra teria primeiro oferece-la aos seus vizinhos e parentes, e por ultimo o édito ordenava a devolução de todas as terras compradas pelos poderosos dos pobres fazendeiros nos últimos 30 anos. Um tempo após o lançamento desse édito, houve uma época de grande fome e miséria no Império, em consequência disso houve uma nova onda de vendas de terras de pequenos proprietários para os poderosos. Vendo essa injustiça o imperador lança outro édito em 934 ordenando a devolução das terras compradas na época de fome pelo mesmo preço que elas foram vendidas, às vezes por um pedaço de pão⁸.

Após o fim do reino de Romano I, houve uma série de imperadores que pouco se importavam com a questão rural ou até mesmo agravavam, como o Imperador Niceforos Focas. Mas com a (dura) ascensão de Basílio II os ataques às grandes famílias aristocráticas rurais foram mais frontais. Devido à revolta das famílias Sclerus e Focas, Basílio II guardou em si uma grande cólera em relação à aristocracia rural. Sua vingança não se limitava a editos imperiais como o de 996 que obrigava os senhores de terra devolver sem reservas as terras que haviam adquirido de pequenos proprietários desde o ultimo edito de Romano I. Os ataques de Basílio II à aristocracia também se realizavam em acontecimentos isolados, casos em que o imperador dispensava um tratamento tirânico a eles. Como no episódio de Filocales que era um

⁶ VASILIEV, A, A . *Historia del Imperio Bizantino: tomo segundo*. Barcelona: Editorial Iberia, S.A., 1945 pp 268 e RUNCIMAN, Steven. *A civilização bizantina*. Rio de Janeiro, Zahar Editora. p.69

⁷ WALTER, Gerald. *A vida quotidiana nos tempos dos Comnenos*, Lisboa. Edição "Livros do Brasil". Pp. 65-66.

⁸ VASILIEV, A, A . *Historia del Imperio Bizantino: tomo segundo*. Barcelona: Editorial Iberia, S.A., 1945. pp. 267-268

camponês que enriquecera tanto que comprara a aldeia que vivia. O imperador vendo aquilo, tomou todas as suas terras e obrigou a ele voltar a ser um simples camponês⁹.

Após a queda de Basílio II, a aristocracia palaciana tomou o poder para si. Mas foram incompetentes para manter-lo, pois passavam a maior parte do tempo conspirando entre si. Resultando assim as maiores catástrofes da história desse império como o rompimento entre as Igrejas de Roma e Constantinopla em 1054, a perda de todos os territórios bizantinos na Itália em 1071 e nesse mesmo ano a Derrota em Manzikert, que em si demonstrava toda incompetência desse grupo em governar o Império.

Com a óbvia fraqueza no poder central a aristocracia rural agiu, nesse meio século desde a queda da Dinastia Macedônia os senhores de terra ficaram livres para tomar para si o maior quantidade de terras que lhe aproovessem, conseguindo assim um poder enorme. Os poderosos rurais vendo o governo imperial sendo disputado por uma série de homens fracos, eles agiram. O resultado disso é que as grandes famílias rurais tomaram o poder e nunca o largaram até a queda de Constantinopla para os turcos otomanos.

3 Criação da classe dos acritas

Enquanto o interior da Ásia Menor vivia esse conflito agrário interno entre a aristocracia rural e o poder central, as regiões fronteiriças viviam um outro problema. A maré islâmica, que havia tomado metade do império bizantino no século VII, não havia cessado de atacar o império. A Ásia Menor sofria de *raids* pluri-anuais dos árabes. Ataques esses não tinham natureza de ocupação, mas causavam um estrago considerável a ordem econômica e social do Império. Tipo de ataque que foi retratado no primeiro canto da Balada de Digenis Akritas, que começa contando sobre o ataque do Emir, pai de Digenis, sobre a fortaleza de quem futuramente seria seu genro¹⁰, mas veremos isso mais profundamente à frente.

Em relação a isso, uma nova forma de defesa foi criada a parte do exercito imperial. Uma linha de fortificações e praças fortes foi construída em toda área de fronteira e eram geralmente erigidos em desfiladeiros, os *clissurae*. E para cuidar dessa nova linha de defesa, os acritas foram organizados¹¹. Como uma força militar que além de terem a tarefa de defenderem as fronteiras, deviam empreender ataques a territórios muçulmanos.

⁹ VASILIEV, A, A . *Historia del Imperio Bizantino: tomo segundo*. Barcelona: Editorial Iberia, S.A., 1945. pp 268-269

¹⁰ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto 1

¹¹ VASILIEV, A, A . *Historia del Imperio Bizantino: tomo segundo*. Barcelona: Editorial Iberia, S.A., 1945. pp 158-159

No século XIII, quando a capital mudara pra Nicéia e as fronteiras haviam retrocedido até a Bitínia, houve um renascimento dos acritas. Eles arrendavam a terra e não pagavam impostos, a custo de defenderem as fronteiras dos ataques dos turcos, tarefa que executaram muito bem. Com a volta de Constantinopla como capital, na época dos Paleólogos, os privilégios dos acritas diminuíram consideravelmente. Só não foram extintos pelo medo de ataques turcos, mas com o tempo perderam qualquer utilidade.

Esse último suspiro da instituição acrítica é extremamente interessante, mas o objetivo desse trabalho é analisar o mundo fronteiriço e os acritas na época que a Balada de Digenis Akritas foi criada, no século X-XI, isto é, o auge dessa instituição.

4

Relação árabe-bizantina nas regiões fronteiriças

Como citamos anteriormente os Acritas, com Vasiliev, eles foram uma política imperial em resposta as agressões muçulmanas sobre o Império. Essas agressões foram muito bem descritas no primeiro canto de Digenis Akritas¹². Nesse canto podemos ver que, no ataque do Emir à fortaleza do general, há características clássicas dos ataques árabes a territórios bizantinos. Como o caráter de não-ocupação, pois logo que o Emir consegue conquistar a fortaleza ele volta à Síria com riquezas e a filha do general. E aí está outra característica importante, durante os ataques os árabes tinham o costume de capturar pessoas que poderiam lhe render um bom resgate, foi o que aconteceu com a filha do general na Balada de Digenis Akritas. Como também em outro poema bizantino, chamado “O Cantar de Armuris”, onde o pai de Armuris, o herói, se encontra como prisioneiro de um príncipe muçulmano. O que causa no jovem Armuris uma sede de vingança saciada por sangue muçulmano¹³. Esse costume continuaria sendo utilizado durante as cruzadas, quando vários líderes cristãos tornaram-se cativos de muçulmanos, desde o infame Reynald de Chantillon até o Rei Francês São Luiz.

Na verdade as cruzadas representaram um marco na relação cristã-muçulmana na fronteira oriental. Pois antes das cruzadas e depois do da primeira grande expansão muçulmana, após a morte do profeta, as duas partes aprenderam a se tolerar. Uma vez que o ímpeto conquistador da civilização muçulmana acalmou um pouco, houve uma rápida urbanização e desenvolvimento na civilização muçulmana. Primeiramente suportada por uma burocracia estatal de cristãos naturais de terras que antes eram dos bizantinos, e agora sobre o controle do Califado¹⁴. Sendo que em alguns anos a

¹² DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto 1

¹³ CANCION DE ARMURIS. Trad: Oscar Martinez Garcia In: GARCIA, Oscar Matinez. *Poesia Heróica Bizantina*. Madrid: Gredos. 2003.

¹⁴ FLETCHER, Richard. *A cruz e a crescente: cristianismo e o islã: de Maomé à Reforma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. pp. 35-38

civilização islâmica era tão avançada quanto ao Império Bizantino, mesmo ultrapassando esta em alguns pontos.

Apesar de que a visão bizantina em relação aos árabes era de que eles eram bárbaros e que a civilização e a religião islâmica era uma versão deturpada do que era a dos bizantinos, os bizantinos não ignoravam a cultura e religião islâmica. A balada de Digenis Akritas mostra essa situação nas fronteiras, que era a área que esse contato mais acontecia.

Primeiramente antes de analisar o próprio desenrolar da história, podemos notar que o autor da balada tinha um conhecimento bem razoável da religião e cultura islâmica, conhecimento mostrado durante a descrição das conversões do Emir e de sua mãe¹⁵. E no desdobramento da história os personagens demonstram algum conhecimento do mundo do outro. Bem como podemos ver quando os irmãos Ducas estão implorando ao emir para que este devolva a sua irmã, com as palavras:

*“Emir, servo de Deus e príncipe da Síria,
Pode ir a Palermo, ver a Mesquita,
Você pode, Emir, ajoelhar-se para a Pedra pendurada
E ir beijar a Tumba do Profeta
E ouvir a oração sagrada”¹⁶*

O auge, na história, desse “entendimento” forçado entre árabes bizantinos, foi o casamento do Emir com a filha do general, que somente necessitou a conversão para uma total aceitação do emir na sociedade bizantina. O que nos remete a dois pontos: a da fluidez das fidelidades na fronteira e uma ausência de uma em relação aos conversos.

5 (In)Fidelidades: Relação entre os barões de fronteiras e o poder imperial

Em “Digenis Akritas” há vários casos de mudança de fidelidades. Como esta história é uma ode à identidade romanas e ortodoxas, todas as conversões aconteceram do islamismo ao cristianismo. E estas foram a conversão do Emir¹⁷, de sua mãe com

¹⁵ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Cantos I e II

¹⁶DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Pp. Canto I, versos 100-104 (tradução livre)

¹⁷ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto I. versos 298-338.

toda sua família¹⁸ e também da jovem que Basílio Digenis Akritas encontra sozinha em um oásis, abandonada pelo seu amante romano, que a fez negar suas origens islâmicas¹⁹. Apesar de que a balada em questão, por razões ideológicas, só trate de mudanças de fidelidade para a *Romania*²⁰, não a razões para que não acreditemos que isso acontecia também para o lado contrário.

No Império Bizantino havia uma política que incentivava a entrada desses novos elementos convertidos na sociedade. Segundo Brehier, “Tinham, por tanto, os imperadores especial interesse em povoar as terras abandonadas e,(...) distribuía a chamada terra imperial a gentes estrangeiras, como armênios, eslavos, turcos, árabes e até prisioneiros de guerra que aceitavam o batismo.(...) Se estimulavam o matrimônio com mulheres do país, dispensando do pago de impostos toda família que tomava como genro um árabe”²¹. Essas facilidades eram devidas à necessidade de colonização das fronteiras do império. Pois a posse da terra acarretava a responsabilidade de fornecer soldados armados e defender o império de invasões.

No caso de Basílio Digenis Akritas, ele ganhara a posse de terras na fronteira por sua fama, impressionante presença e por seus feitos admiráveis em frente do Imperador²², como domar um cavalo xucro e matar um leão. E por isso ele ganhou do imperador o título honroso de patrício (e as vestes correspondentes), foi devolvido as posses das terras de seu avô materno, que por algum motivo havia sido exilado²³ e também o imperador lhe dera o poder de controlar as fronteiras do Império. E tudo isso foi confirmado por um *chrysobulo*, isto é, um edito imperial.

Esse encontro entre o Basileu e Digenis Akritas é importante no sentido que ilustra a relação entre o poder imperial e os barões de fronteira. Pois esses poderosos, por seu distanciamento de Constantinopla, viviam uma vida semi-independente sem que isso afetasse sua lealdade ao imperador²⁴. Mas mesmo assim o poema mostra traços de que Digenis, apesar de se descrever como um “humilde servo” do imperador, não confiava e receava a presença do exército imperial. Faz isso quando o imperador o chama para sua presença em seu acampamento, mas Digenis Akritas se recusa a ir, e pedindo para que invés disso, eles se encontrassem as margens do Rio Eufrates, explicando-se:

¹⁸ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto III, versos 130-246

¹⁹ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto V.

²⁰ entende-se Império Bizantino ou Mundo Bizantino

²¹ BREHIER. Louis. El mundo Bizantino: Las instituciones del Imperio Bizantino. Mexico: Ed. Hispanoamericana. Pp 325-326.

²² DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto IV, versos 980-1094

²³ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto I, 265-271

²⁴ BREHIER. Louis. *El mundo Bizantino: La civilizacion Bizantina*. Mexico: Ed. Hispanoamericana. P.280

*“Tu me verás quanto quiseres, meu Sagrado Senhor,
não penses que eu me recuso a vir diante ti
mas tu possuis certos soldados inexperientes.
E se por acaso falassem algo que não devam,
Eu certamente teria que lhe desprover desses homens.
Por que essas coisas, Senhor, acontecem com os jovens”*²⁵

Por outro lado, o Imperador quando o encontra Digenis, fica impressionado pelo porte e força do jovem. E por isso, e somado aos feitos dele, o imperador dá uma série de honrarias e presentes já descritos acima. E mais uma vez devemos questionar o silêncio das fontes, pois aí é visível a desconfiança do poder central-imperial em relação aos seus acritas. Já que eles viviam perto demais do mundo árabe e as chances de algum deles mudar de lado e lutar para os árabes são grandes. Partindo daí podemos analisar a grande liberalidade imperial descrita no poema, essa tendo como objetivo manter e firmar a fidelidade daquele que, segundo o imperador no livro, era “o mais forte sobre todos da presente geração”²⁶. Portanto manter a lealdade desse jovem notável era de grande importância para a segurança da fronteira e por consequência do resto do império.

O encontro no livro, seja através de idéias, evidenciadas ou não muito bem evidenciadas, nos dá uma boa imagem da relação entre essa classe militar de fronteira com a instituição imperial. Porque durante toda a história do Império Bizantino nunca houve um sentimento contra a instituição imperial, o que haviam eram revoltas contra a pessoa que ocupava o trono. Por isso vemos nos ditos e atos de Digenis uma fidelidade irrestrita à instituição imperial porque, como a poema não foi composto de uma vez só mas se desenvolveu durante um longo período, não houve um prendimento maior na figura de um imperador em especial. Pois na versão Grottaferrata, a usada nesse estudo, o imperador é Basílio (sem nenhuma distinção de qual dos Basílios ele era)²⁷, mas em outras versões ele é Romano. Assim sendo quem visita Digenis não é um imperador mas sim a instituição imperial e também, pela igual longa-duração da construção do herói, quem recebe a visita não é uma pessoa em particular, mas sim toda uma classe aristocrática. Então o que esse trecho descreve não é a relação de fidelidade entre duas pessoas, mas sim entre dois estratos da sociedade bizantina; a classe aristocrática e (ou) do acritas com o poder imperial. E o que une os dois não é um sistema burocrático administrativo, mas sim uma fidelidade ideológica (ser parte da *Romania*, o qual o imperador era seu líder) e religiosa (ser ortodoxo e venerar o imperador como líder do povo cristão e indicado por Deus).

E através desse encontro, cheio de simbologia, vemos igualmente as desconfianças do poder central em relação aos barões da fronteira. Que, através da doação de títulos e terras ao herói, se ilustra a suspeita que essas relações de fidelidade

²⁵ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto 4, vers. 995-1000

²⁶ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto 4, vers. 1082

²⁷ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto 4, vers. 973

tão culturais e sem controle não fossem o bastante para manter a lealdade dos acritas, sendo necessário esses mimos esporádicos.

6

Breve análise social da fronteira bizantina

Já vimos até agora a relação dos acritas com os fatores externos, como os árabes e o poder central. Mas como era o mundo da fronteira oriental bizantina e as pessoas que lá viviam? A fonte nos dá belas pistas. O mundo de Digenis Akritas é basicamente rural, os centros de poder não são as cidades, mas sim propriedades de poderosos. Seja do futuro sogro de Akritas; o General (Estratego), a dos pais do herói ou mesmo o magnífico palácio que Digenis Akritas construiu as margens do Eufrates, que sua descrição ocupa um canto inteiro²⁸.

Sobre a vida diária a fonte, o pouco que fala, descreve a vida de Digenis como algo bastante hedonista. Ele, quando não estava em guerra, ocupava seu tempo com sua bela esposa, tocando alaúde para ela²⁹, como também à caça, banquetes e visitas. Mas isso é bem característico de quase toda classe aristocrática, esse culto à vida sem preocupações e dedicada ao prazer.

No livro podemos notar a importância da caça no mundo de Digenis Akritas. O poema descreve várias caçadas em seu enredo, fora os encontros esporádicos entre o herói com bestas selvagens (geralmente leões). Em uma parte de um canto contém um trecho extremamente rico que descreve a primeira caçada de Digenis Akritas em que, sozinho armado com um simples porrete, ele mata toda uma família de ursos³⁰. E logo após esse grande feito, ele mata um leão armado somente de uma espada³¹.

Essa primeira caçada de Digenis Akritas é, no livro, de uma enorme significância, pois simboliza a passagem do herói, que estava em sua infância, para a vida adulta. Pois essa caçada é o início da vida heróica do personagem. O que nos remete a conclusão de que a caça não é um simples divertimento aristocrático no mundo em que a obra foi escrita. Mas sim uma atividade de igual importância da guerra, como prova de valor de um homem.

Esse paraíso rural idílico em que nosso herói vive é freqüentemente conturbado por distúrbios nada fantasiosos; os bandoleiros das fronteiras, os *apelastoi*. Vasiliev os descreve como homens que “não reconheciam a autoridade do imperador nem do califa e assolavam os territórios de ambos os soberanos. Em tempos de paz (...) eram tão perseguidos por cristãos como muçulmanos, mas em tempo de guerra cada um dos

²⁸ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto 7.

²⁹ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto 7, vers. 167-178

³⁰ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto 4, vers. 72-160

³¹ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto 4, vês. 160-187.

adversários se esforçava em ganhar o apoio de homens tão resolutos”³² e um pouco para frente, citando Rambaud, ele descreve o mundo fronteiriço como uma “anarquia feudal do oriente”.

Esses *apelastoi* são os principais adversários de Basílio Digenis Akritas, não os árabes como se diz tão abertamente. E a única parte do poema em que é descrito o combate entre Digenis e árabes, eles tratam de ser bandoleiros saqueadores³³. Mas o principal combate entre os bandoleiros e Digenis se encontra no Canto 6, quando um grupo de *Apelastoi* encontra a esposa do herói sozinha enquanto se lavava. Encantados com a beleza da jovem, tentam toma-la. E vendo isso ela chama seu marido que mata e dispersa todo o grupo. Cansado, encosta-se a uma árvore para dormir, pouco tempo depois aparecem os líderes dos bandidos: o Velho Philopapus, Ioannakes e Kinnamos. Estes procuravam o grupo de soldados que deviam estar por perto. E após Digenis Akritas contar seu fim, os *apelastoi* duvidam da história e chamam o herói para a luta. O resultado é uma total derrota dos três bandidos, que vendo a força e poder de seu oponente, eles descobrem quem ele é e oferecem seus serviços à Digenis, o que é prontamente recusado.³⁴

Vemos aí um traço que Vasiliev já identificou, o costume de procurar o apoio desses bandidos das fronteiras em tempos de guerra. Pois, como já foi falado, se o poema mostra um grupo de bandidos oferecendo seu serviço é porque isso não era algo anormal no ambiente em que ele foi composto. Continuando, Digenis não aceitou o apoio dos *apelastoi* com desdém. Qual seria o motivo disso? Com certeza havia os motivos morais, pois conseguir bandidos como parte de suas milícias pessoais não devia ser algo aprovável. Mas levando em consideração que o mundo do épico era um mundo que as forças fronteiriças (Império Bizantino e Califado) estavam em relativa paz, pois não há sinais de nenhuma guerra acontecendo nas regiões das fronteiras, fora a presença do exército imperial no Canto 4. Vendo que devido a essa “paz”, a necessidade do apoio dos *apelastoi* não existia. E foi assim durante o enredo todo da história, não houve uma situação que as duas partes se aproximaram em interesses em comum.

É óbvia, na “Balada de Digenis Akritas”, a sua origem, meio e fim aristocrático. Mas é possível ver através do poema alguma (pouca) coisa sobre os mais pobres, os camponeses que os editos de Romano I e Basílio II protegiam.

A fronteira, como já foi dito, é uma região instável e por isso imprópria para existência de comunidades camponesas independentes. O que havia, e o poema mostra, é o sistema senhorial e Digenis Akritas é um senhor e tinha alguns dependentes. Eles aparecem no poema poucas vezes, como nos casamentos do Emir e de Digenis e homenageiam o herói quando ele morre. Mas mesmo quando aparecem, são pouco descritos.

³² VASILIEV, A, A . *Historia del Imperio Bizantino: tomo segundo*. Barcelona: Editorial Iberia, S.A. pp.284-285 (tradução livre)

³³ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto 5, vers 178-192

³⁴ DIGENIS AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull. Canto 6, vers 113-310

7

Observações Finais

Após ver e analisar de tantas formas a “Balada de Digenis Akritas” e tirar dela tantos exemplos de como foi o mundo fronteiriço bizantino, antes que a invasão turca mudasse a Anatólia para sempre. Sempre levando em consideração que o poema é um mito, e carrega as características de um mito, como características super-humanas dos personagens, a “era de ouro” e por ser ficção.

Porem atrás da ficção há um todo um mundo de mentalidades, culturas e sociabilidades que foi emprestado da realidade pelo o autor. E essa é umas das possíveis direções que podem ser estudados as obras de ficção, analisando o mundo do autor através de suas linhas.

Mas o grande caso da “Balada de Digenis Akritas” é que ela foi composta e passada através de muitas gerações por meio da fala, portanto não há como descobrir autores. Mas essa característica de não estar preso a nenhum autor nem data, mas sim a uma região e um período relativamente grande favorece o trabalho do pesquisador que busca características de longa-duração. E isso a Balada é rica, as longas-durações são vistas seja na relação com os árabes, ou a descrição do mundo e da classe dos acritas.

Assim sendo usando esses métodos de pesquisa escrevi esse pequeno estudo sobre essa parte do mundo bizantino. Que, como qualquer área do conhecimento humano, nunca foi suficientemente estudado. Mas pretendi ilustrar o máximo que pude esse mundo qual o poema saiu; conturbado mas rico.

João Vicente de Medeiros Publio Dias

joaov.dias@gmail.com

Curitiba 2004

Fontes utilizadas:

- **CANCION DE ARMURIS.** Trad: Oscar Martinez Garcia In: GARCIA, Oscar Matinez. *Poesia Heróica Bizantina*. Madrid: Gredos. 2003. **DIGENIS**
- **AKRITAS: THE TWO-BLOOD BORDER LORD.** Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972. Tradução e introdução de Denison B. Hull

Bibliografia:

- **BREHIER, Louis.** *El mundo Bizantino: Vida e Morte y Bizâncio*. Mexico: Ed. Hispanoamericana.
- **BREHIER, Louis.** *El mundo Bizantino: Las instituciones del Imperio Bizantino*. Mexico: Ed. Hispanoamericana.
- **BREHIER, Louis.** *El mundo Bizantino: La civilizacion Bizantina*. Mexico: Ed. Hispanoamericana.
- **DIEHL, Charles.** *Grandes problemas da história bizantina*. São Paulo: Ed. das Américas, 1961.
- **FLETCHER, Richard.** *A cruz e a crescente: cristianismo e o islã: de Maomé à Reforma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.**RUNCIMAN, Steven.** *A civilização bizantina*. Rio de Janeiro, Zahar Editora.
- **RUNCIMAN, Steven.** *La civilización bizantina*. Rio de Janeiro, Zahar Editora.
- **VASILIEV, A, A.** *Historia del Imperio Bizantino: tomo segundo*. Barcelona: Editorial Iberia, S.A., 1946.
- **WALTER, Gerald.** *A vida quotidiana nos tempos dos Comnenos*, Lisboa. Edição “Livros do Brasil”.